



**Hermenêutica fenomenológica: um método  
de compreensão das vivências com pessoas**

**Maria Glória Dittrich  
Maria Tereza Leopardi**

Artigo recebido em:09/09/2014  
Artigo aprovado em:27/06/2015

DOI10.5433/1984-7939.2015v11n18p97

# Hermenêutica fenomenológica: um método de compreensão das vivências com pessoas

Hermeneutics phenomenological: a method of understanding of experiences with people

Maria Glória Dittrich\*  
 Maria Tereza Leopardi\*\*

---

**Resumo:** *Dentro de uma visão de pesquisa qualitativa e transdisciplinar, a hermenêutica fenomenológica é definida como uma postura, uma maneira de entender e expressar a percepção sobre os acontecimentos que ocorrem entre os sujeitos envolvidos nas vivências na realidade. A busca é tornar o discurso autônomo em relação ao seu autor, pesquisador ou professor que vivencia as relações de compreensão de um fenômeno para descrevê-lo de modo sistematizado e (co)vivido. Este texto apresenta uma proposta metodológica fenomenológica para a compreensão de vivências com pessoas, em seu mundo, com suas peculiaridades e relações.*

**Palavras-chave:** *Corpo-criante. Hermenêutica fenomenológica. Arteterapia. Discurso.*

**Abstract:** *Within a vision of qualitative research and transdisciplinarity, the hermeneutic phenomenology is understood as an attitude; a means of understanding and expressing the perceptions of events that occur between the subjects involved in experiences of reality. The search is to make the discourse independent of its author, researcher, or teacher, who experiences the relations of understanding of a phenomenon in order to describe it in a systematic way, by sharing the experience. This text presents a phenomenological methodological proposal for the understanding of experiences with people, in their world, with their peculiarities and relations.*

**Keywords:** *Body-creational. Phenomenological Hermeneutics. Arttherapy. Discourse.*

---

\* Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professora da Faculdade São Luiz (FSL). Professora titular e pesquisadora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), no Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho; Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Ciências Políticas e no Curso de Graduação em Enfermagem. E-mail: mgmartes@terra.com.br

\*\* Doutora em Ciência da Enfermagem pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade do Vale do Itajaí (Univali), no Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho. Professora da Univale, no Mestrado em Saúde e Gestão do Trabalho. E-mail: mtl@soldasoft.com.br

## Introdução

Este texto apresenta uma proposta metodológica para a compreensão de vivências de pessoas em seu mundo, com suas peculiaridades e relações. Esta proposta metodológica nasce, em parte, de uma pesquisa teórico-prática, sobre criatividade e espiritualidade na arteterapia como processos de cura, realizada em 2008, na Escola Superior de Teologia – RS.

Em uma visão de pesquisa qualitativa e transdisciplinar, a hermenêutica fenomenológica, nesta proposta, quer dizer uma postura, uma maneira de entender e expressar a percepção sobre os acontecimentos que ocorreram entre os sujeitos envolvidos nas vivências, compartilhadamente, no amor<sup>1</sup> e na solidariedade entre os saberes e as ações. Diante disso, temos como pressuposto que as raízes hermenêuticas da compreensão humana nascem do corpo-criante, ser humano em busca de respostas para os seus questionamentos nas vivências da realidade. Por *corpo-criante* se quer entender o ser humano como um todo vivo dinâmico, inter-relacionado nas suas partes com capacidade de se autocriar, que implica a sua autonomia de se fazer constantemente, causando mudanças contínuas em si e fora de si, para a preservação da própria vida e a construção do conhecimento sobre o si, a sociedade e a natureza. (DITTRICH, 2010)

A hermenêutica continua sendo a arte de desvelar e de encontrar a fala significativa, seja no movimento do corpo-criante do ser humano, ou

---

<sup>1</sup> O amor é uma força criativa, vital, que faz a emoção articular-se à razão, dinamizando os processos de vida e de conhecimento no ser humano desde as relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo circundante. O biólogo Humberto Maturana defende que o amor é o fundamento biológico para os processos do conhecimento nas relações sociais. Ele dinamiza a emoção que fundamenta o desenvolvimento do ser humano individual e social, especialmente de sua maneira de viver a linguagem, a cultura. Diz Maturana e Varela (1995, p. 264): “Descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, seria negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de anos de idade, nos legou. Não prestar atenção no fato de que todo conhecer é fazer, não ver a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, ao construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social, equivale a não se permitir ver que as maçãs despencam ao chão.”

em seu discurso, como objetivação do seu pensar e agir como pessoa. A busca é tornar o discurso autônomo em relação ao seu autor, pesquisador, professor nas relações de compreensão de um fenômeno para descrevê-lo de modo sistematizado e (co)vivido.

O *corpo-criante*, como *lócus da vivência do conhecimento* é complexo e é mais que a soma de suas partes, expressando sua vivência relacional com o fenômeno de investigação que resultará em compreensão e conhecimento.

A expressão metodológica do estudo é apresentada em diagramas explicativos que mostram o fluxo do processo de compreensão da vivência sobre o fenômeno de percepção.

## A hermenêutica no processo de compreensão do fenômeno

O nascedouro de uma hermenêutica fenomenológica é o ser humano, corpo-criante, que vive os processos dos fatos, dos acontecimentos de sua existência, que vai se construindo nas diversas vivências, tecidas num mundo de seres, saberes e fazeres. O corpo-criante do ser humano é o fulcro para a percepção e a compreensão de algo que acontece lá fora, no seu meio ambiente, na relação com o outro. O ser humano (no caso da ciência, o pesquisador) é o *lócus* onde a vida acontece e se expressa em pensamento sistematizado – o conhecimento.

Para que aconteça a investigação fenomenológica é condição *sine qua non* entender que o corpo-criante, pesquisador é o centro perceptivo do fenômeno<sup>2</sup> da criatividade, na organização das ideias e sua

<sup>2</sup> O *fenômeno* é aquilo que se apresenta à consciência da pesquisadora, e se mostra numa confluência de relações, de padrões de ações que se constituem dentro de uma rede complexa de componentes biofisiológicos e psíquicos contextualizados no tempo e no espaço no corpo-criante. Bachelard dizia que “o fenômeno é um tecido de relações”. Com efeito, este tecido ocorre através de múltiplas relações que acontecem dentro de uma complexidade de acréscimos, tensões, confrontos, quebras, rupturas e contradições de um determinado fato, coisa, acontecimento. Embora à primeira vista o fenômeno possa se manifestar como algo

correspondência com o mundo lá fora. Esse é um processo de vida e de conhecimento indissociável e que expressa uma compreensão sobre algo, sobre alguma coisa. Diz Maturana (1995, p. 264) que “tudo que é dito, é dito por alguém”, pois o conhecer e o fazer estão articulados numa maneira de ser do ser humano. E continua:”o fato de o conhecer ser a ação daquele que conhece está enraizado no modo mesmo de seu ser vivo, em sua organização”.

O ser humano que compreende é um corpo-criante complexo, no qual emoção e pensamento são manifestações da mesma estrutura e organização que constituem o fenômeno do conhecimento a ser construído e expresso em vivências que tenham significados. Nesse processo, a emoção surge como força inteligente, criante, que se faz em intuição-imaginação-reflexão-pensamento, expressando-se em linguagem descritivo-argumentativo-explicativa. Isso vai acontecendo concomitantemente no corpo-criante do ser humano, pesquisador, necessariamente como processo de complementaridade das relações com o seu entorno, de onde emerge o fenômeno a ser pesquisado.

Para Dittrich (2004) O ato da compreensão humana está profundamente associado às raízes mais profundas da vida que, biologicamente falando, se dinamizam em toda a estrutura molecular e celular do ser humano que tem em si o fenômeno da cognição como possibilidade para criar, aprender e conhecer, na inter-relação com o meio circundante. Diante disso, a compreensão de um fenômeno constitui-se nas vivências encarnadas no corpo-criante do pesquisador, na relação com o seu objeto de pesquisa admitido em sua consciência; ou seja, o fenômeno percebido.

As vivências com o objeto de pesquisa constroem um processo de efetivos atos de poder ser, de coragem para seguir adiante, na construção

---

acabado, a sua aparência oculta a dinamicidade permanente que o compõe. O fenômeno na sua complexidade vai se explicitando desde o corpo-criante do observador, que se constitui na dinâmica da criatividade, que é base para a percepção e sua sistematização pela razão profunda e objetiva. Com efeito, “a complexidade do fenômeno só pode ser compreendida por uma razão aberta que sabe que o real ultrapassa o racional”. DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. *Fenômeno*: uma teia complexa de relações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 71-72.

sobre os dados registrados. Esses atos vão sendo atualizados no corpo-criante do pesquisador na sua caminhada interativa e existencial. Eles lhe evocam à tomada de consciência para o sentido do próprio existir. Logo, a compreensão de um objeto de pesquisa é uma oportunidade ímpar de vivência profunda pessoal e social. Tal compreensão é o retrato de uma experiência única, que diz respeito, exclusivamente, às subjetividades envolvidas, e que traz um resultado ímpar, que tem um poder explicativo sobre a realidade e, ao mesmo tempo, abre novas possibilidades de investigação.

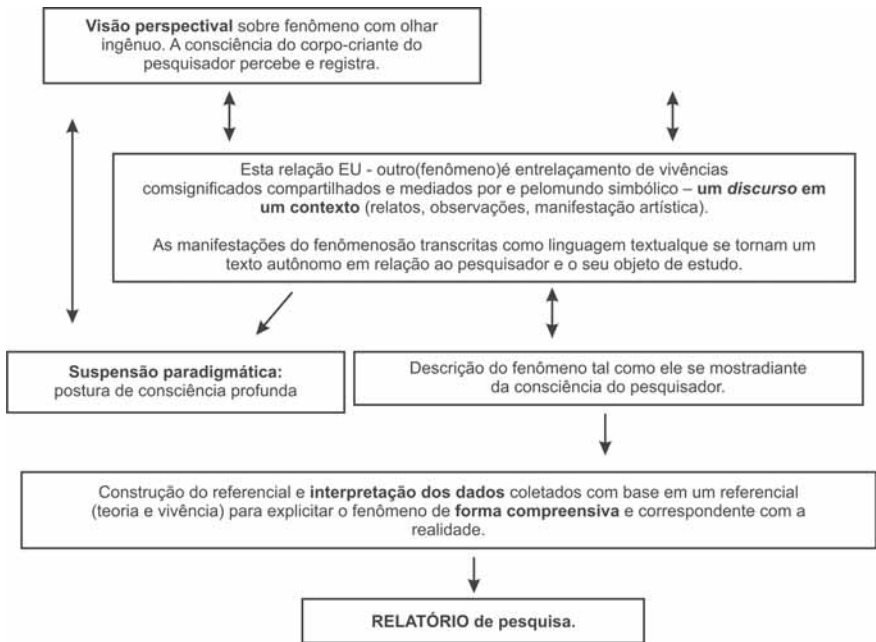
A compreensão de um objeto de pesquisa desde vivências humanas é expressivamente significativa, pois ajuda a conhecer mais sobre o ser humano pelo entendimento de que o conhecimento e a ação se constroem, interligadamente, na inter e trans-relação entre um eu (pesquisador) e um outro (objeto), com suas subjetividades. Para Varela et al (2001) são falas dos sujeitos da pesquisa (vivências) e referenciais teóricos que sustentam a reflexão e efetiva construção textual dessa hermenêutica. Com efeito, ao cientista demanda reflexão autêntica. Parafraseando Maturana: Afinal, negar a verdade da nossa própria experiência no estudo científico de nós próprios é mais do que insatisfatório; é fazer com que o estudo científico de nós próprios deixe de ter objeto de estudo. Mas supor que a ciência não possa contribuir para uma compreensão da nossa experiência pode significar o abandono da tarefa de autocompreensão. A experiência e a compreensão científicas poderão ser comparadas as duas pernas sem as quais não podemos andar.

Assim, no desenvolvimento de uma pesquisa “a complexidade do fenômeno só pode ser compreendida na razão aberta”, que sabe que o real ultrapassa o racional “[...] oferecendo uma elaboração de ideias’ que não é definitiva, podendo ser reformuladas [...]”. (DESAULNIERS, 2000. p. 81).

A relação intrínseca entre sujeito e objeto é convivência, ou seja, como apresentado no diagrama 1 abaixo. A região do fenômeno inclui o discurso e o contexto nas suas mais diversas representações. Para uma maior aproximação ao rigor científico, a ‘visão perspectival’ implica ‘volta

às próprias coisas’, apreendendo a experiência vivida tal como ela se apresenta no mundo do cotidiano, em situações reais e que são percebidas pela consciência do pesquisador. Para iniciar o processo de percepção é preciso colocar ‘entre parênteses’, em suspensão todos os pré-conceitos, juízo, opiniões ou inferências com respeito ao fenômeno, deixando simplesmente que ele se mostre à consciência tal como é (*epoché*). Mesmo as proposições científicas devem ser colocadas em suspenso, como ideal da ciência rigorosa.

**Diagrama 1 – Fluxo da hermenêutica<sup>3</sup>**



Quando chegamos ao momento da construção da *linguagem sobre o outro – o objeto, o fenômeno* – fazemos a descrição para clarificar, explicitar a experiência vivida, sem impor-lhe algo, mesmo advinda da

<sup>3</sup> Adaptado de NIETSCHE, M.A. e LEOPARDI, M.T. In LEOPARDI, M.T. (2011).

ciência. A descrição procura tornar explícitos os significados implícitos na experiência vivida, de tal forma que o fenômeno se torne presente e possa ser interpretado no surgimento de palavras chave, que emergirão dos registros da coleta de dados.

O momento da *Interpretação* é quando se tenta especificar o significado, decifrar o sentido aparente, desdobrar os sinais de significação que vão aparecendo no discurso sobre o percebido.

A hermenêutica fenomenológica conduz o olhar da ciência para o reconhecimento do pesquisador como um corpo-criante, sensível-inteligível, por isso capaz de, por sua consciência, apresentar uma compreensão sistemática e correspondente sobre o seu objeto. Observe no diagrama a seguir o fluxo e o rigor metodológico para construir uma pesquisa qualitativa, fenomenológica a partir de ações metodológicas hermenêuticas.

No diagrama 1, apresentado acima, vemos um fluxo metodológico para a pesquisa fenomenológica e transdisciplinar, que inicia com a proposta de 'ir ao fenômeno com olhar ingênuo', ou seja, aproximar-se do lugar do fenômeno (objeto) sem pré-concepções, como se fosse desconhecido, pois o fenômeno é complexo e perspectival. Ele, como um todo vivo constitui-se de diferentes maneiras e aspectos, frente às interferências do meio, as quais poderão, ou não, serem apreendidas e significadas pelo pesquisador. Assim, é ético reconhecer que a complexidade de um fenômeno, objeto de pesquisa, possui determinantes inusitados. Eles surgem numa teia de relações complexas que atravessam zonas de proximidade social, política, econômica, cultural e ecológica e que vão se manifestando nas vivências. Com efeito, as manifestações inusitadas podem surpreender, por vezes, os limites explicativos de uma teoria, por isso a necessidade de compreender um objeto de pesquisa transdisciplinarmente, ou seja, usando perspectivas teóricas de vários campos de conhecimento e de metodologias e que vão se tecendo para chegar a um entendimento mais aprofundado sobre o problema de pesquisa.

Essa condição resulta na possibilidade de reflexão sobre o objeto



de pesquisa, com significativa correspondência e pertinência. Começa com a aceitação de que ele é um dado da consciência do pesquisador, que decide expressar-se e se apresentar a estrutura de sua intuição, de sua intencionalidade, de seus sentimentos e de suas dúvidas, que resultam de uma tessitura de vivências na realidade. Esse processo hermenêutico vai revelando saberes que vão se cruzando na estrutura da consciência do pesquisador, formando uma zona estruturante de identificação de saberes conceituais, que resultam em abstrações de ideias, que dão suporte à compreensão conceitual correspondente e compartilhada, relativa ao fenômeno e necessária ao rigor científico.

Assim, na hermenêutica fenomenológica, o pesquisador compreende seu fenômeno de pesquisa e o traduzi-lo numa linguagem significativa sistematizada. Essa se constitui carregada de múltiplas aproximações pertinentes à complexidade do fenômeno nas vivências ocorridas durante o processo de pesquisa.

Esse acontecimento é transdisciplinar, pois para perceber aspectos da complexidade de um fenômeno demanda atravessar o perigo de caminhos e modelos de conhecimento que têm seus princípios e suas grandezas e que precisam ser reconhecidos e articulados. O pesquisador, na interação com pessoas, que em primeira instância são seus objetos de estudo, se sente empoderado para transcender limites e chegar a um conhecimento mais próximo da verdade, ou seja, aquele que tem correspondência com a realidade, ainda que provisória.

“O conhecimento científico verdadeiro continuarás sendo manifestação utópica do paradoxo finitude-infinitude humana.” (DITTRICH in TORRE; MAURA, 2010, p.79)

A forma de objetivação desta expressão torna o registro da percepção como um conjunto que expressa à vivência do pesquisador na relação com fenômeno. Por ser algo genuíno e emergente da consciência do corpo-criante do pesquisador, não requer ainda teorias para situá-lo no já conhecido. Requer primeiramente uma perspectiva subjetiva do pesquisador e do outro diante de si, que se acolhem desde suas percepções manifestadas nas relações. Essa vivência dá impulso para

opesquisador iniciar o processo de compreensão sobre o seu objeto que vai desvelando-se pouco a pouco.

O processo da compreensão implica seriedade científica, no que diz respeito ao rigor metodológico hermenêutico, no qual se percebe uma explicação sistemática e correspondente entre os registros sobre a manifestação do fenômeno nas vivências e a sustentação teórica sobre eles.

A reflexão na construção de uma compreensão sobre algo é um processo subjetivo-objetivo, de permanente reconstrução do conhecimento desde a razão profunda dinamizada pela emoção, quando se chega aos porquês dos questionamentos levantados sobre o objeto de pesquisa. Nessa hermenêutica, sujeito e objeto entrelaçam-se necessariamente. Reforçando esse argumento, escreve Fragata (1965, p.82):

Só posso conhecer na medida em que eu mesmo, sujeito cognoscente, vivo o meu objeto. Vivê-lo é explicitá-lo em mim ou constituí-lo com a riqueza implicada na própria realidade que se conhece. Portanto, se esta realidade se manifesta com evidência como atualidade existente, a riqueza interna do objeto vivido na consciência tem que implicar a vivência da sua existência atual.

A ideia de Fragata expressa muito bem o quanto a investigação de um objeto é uma vivência de profundidade emocional-racional. Ela é sustentada pelo amor ao saber como força criativa da vida no corpo-criante do pesquisador. Aqui a investigação não é só experiência de dever ser, ou de algo pragmático de ganho ou posse, mas é o movimento de uma consciência noética, na busca do saber para a confirmação do desenvolvimento do ser percebido. É impulso amoroso, vital-cognitivo-espiritual, de plena criatividade<sup>4</sup>. O ser humano, no seu corpo-criante, é constante vivência hermenêutica para significar e aprender com as suas próprias vivências investigativas. Ele vive percebendo e interpretando o seu entorno.

<sup>4</sup> O amor é a emoção, entendida como fluxo vital, disposição corporal, psicológica e espiritual que constitui o ser humano nos seus processos vital-cognitivos de sua operacionalização nas suas ações existenciais com outros seres humanos ou não (tradução própria). (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2003. p. 125-126).

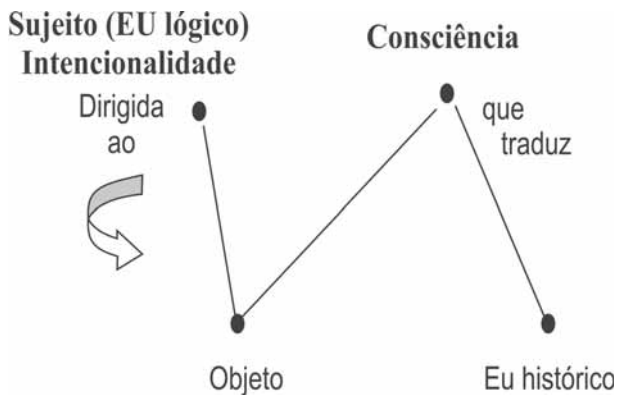
A compreensão do objeto de estudo dar-se-á, segundo Ricoeur (1998), não sobre o signo, mas sobre uma linguística da fala, cuja unidade compreensiva será a frase relativa ao movimento de aspectos do fenômeno, como parte de um discurso enunciado num determinado contexto, em relação a um pesquisador que o expressa, seja, nesse momento, o objeto, seja o próprio investigador, quando interpreta situações vivenciadas.

Considerando esta fala/vivência referenciada a pessoa e ao contexto no qual aconteceu, deve-se buscar sua significação, que efetivamente é o que permite a compreensão, ou seja, o que se quer compreender não é propriamente o contexto ou o sujeito da fala, mas a significação disto, sendo este o núcleo hermenêutico do processo que ocorre no corpo-criante do pesquisador, especialmente.

Neste sentido, a compreensão só é possível na convivência, na possibilidade de compartilhamento no e com o próprio fenômeno. O fenômeno não é somente algo para ser compreendido, mas é algo para ser vivenciado. A vivência fenomenológica oportuniza uma convivência que impulsiona à expansão da consciência noética, no sentido de atravessar níveis de percepção sobre o fenômeno e isso é a recursividade da consciência do pesquisador na produção do conhecimento, tendo em vista a compreensão sobre o vivido. Pois, não existe a compreensão sobre algo que não passe pela dinâmica dos processos vital-cognitivos do corpo-criante do pesquisador diante de seu objeto numa determinada realidade.

Os significados sobre um fenômeno são percepções vivas registradas dinamicamente no corpo-criante do ser humano que constitui sua consciência como criadora de imagens simbólicas, significadas e resignificadas desde o mundo das suas vivências circundantes, e que passam pelo processo hermenêutico, em uma dada perspectiva atualizada e consciente.

## Diagrama 2 – Intencionalidade e formação do eu histórico<sup>5</sup>



A compreensão do objeto remete à compreensão da seguinte ideia: não há criação de significações sem intenção de conhecimento e não há conhecimento sem a vivência de um corpo-criante, o pesquisador, na relação com o fenômeno a ser percebido. Logo, a hermenêutica sobre um objeto vai se desenvolvendo entre a intencionalidade, a percepção e a compreensão do pesquisador sobre os registros das falas dos sujeitos envolvidos nas vivências.

A *intencionalidade* é a largada inicial, a escolha diretiva, do olhar da consciência do corpo-criante. Ela, segundo Husserl, é a condição e ao mesmo tempo a expressão de uma “característica essencial da esfera das experiências vividas; portanto, todas as experiências têm de uma forma ou de outra, intencionalidade” (ABBAGNANO, 1962, p. 548).

Considerando esta compreensão, é interessante imaginar como se daria a formação do eu do pesquisador, na medida em que a história das experiências já vividas influencia no modo como os sujeitos em relação encontram significados para esta experiência. A intenção dirigida a um objeto informa como a consciência o traduz, em termos de percepção e compreensão.

A consciência do pesquisador é intencional porque é direcionada para o objeto. Essa consciência intencional é sempre pessoal e o nela

<sup>5</sup> NIETSCHÉ, M.A. e LEOPARDI, M.T. In LEOPARDI, 2011.

ovivenciado é referido a um ‘eu’ que percebe o fenômeno no seu contexto. Os atos de percepção dão-se a partir de um eu que vivencia o seu objeto (fenômeno) nas inter-relações que se traduzem em percepções registradas na sua consciência e que serão transcritas, como já apresentado anteriormente.

**Diagrama 3** – Intencionalidade desviada e formação do eu fictício através da falsa consciência<sup>6</sup>.



Se o objeto percebido pelo ‘eu lógico’ é reconhecido e decifrável por uma linguagem mutuamente compreensível, as experiências traduzem e se complementam para afirmar o ‘eu histórico’ do pesquisador, produzindo nexos direcionais às vivências. Um objeto no mundo só pode ser situado em relação à consciência do sujeito que o percebe, como se observa no diagrama 3.

Quando, porém, a compreensão mútua é desestabilizada pela relação não acolhedora e não amorosa no processo investigativo, o pesquisador e os participantes podem distorcer suas percepções e compreensões sobre o objeto, gerando uma falsa consciência e a intencionalidade pode ser desviada.

<sup>6</sup> NIETSCHÉ, M.A. e LEOPARDI, M.T. InLEOPARDI, 2011.

Busca-se a integridade perspectival do pesquisador, como o modo de perceber e de conhecer de alguém. A integridade perspectival do pesquisador pode ser desviada a partir de suas crenças, valores e ideologias, como visualizada no diagrama 3.

Gadamer (1998) assumiu uma antinomia, na qual verdade e método são diferenciados, ou seja, a atitude metodológica leva a uma perda ontológica da realidade e, por outro lado, a verdade leva a renunciar a objetividade. Ele introduziu esta situação como ‘distanciamento alienante’ que, condicionando o estatuto científico, degrada a relação existencial do ser humano com sua realidade histórica, resultando, muitas vezes, em intencionalidade desviada, contraposta por Ricoeur.

Ricoeur busca encontrar uma solução para a antinomia entre distanciamento alienante e experiência de pertença defendida por Gadamer. Tal distanciamento reiterado pela ciência objetiva é, ao mesmo tempo, a destruição da relação essencial que nos faz pertencer e participar da realidade histórica (filogenia e ontogenia) da qual pretendemos construir o ‘sujeito fenomênico histórico’. Assim, a relação fundamental do ser humano (consciência) com o fenômeno constrói um modo de compreender, a partir de uma perspectiva que define o que é o ser humano nas suas vivências no mundo.

A intencionalidade como função da consciência, para o desenvolvimento da metodologia, surge na complexidade do sujeito fenomênico, o corpo-criante, como corporeidade repleta de significações vivas que impulsionam a direção da consciência frente ao seu objeto de pesquisa. Essa consciência é presença de si, que se abre para fora de si apreendendo o fenômeno e voltando para si como o momento processual de registros que referendam algo ocorrido.

Para haver o ato de significação tem que haver o impulso dos processos vital-cognitivos do corpo-criante do pesquisador, que são inicialmente impulsionados pela emoção e aparecem como intencionalidade amorosa – o encantamento e o fascínio que o ser humano vive, ao se lançar na direção de algo que não sabe bem ainda o que é, porque é e para que seja. No processo da intencionalidade ainda não se explicita a

significação de uma percepção efetiva sobre algo. Esse estado é abertura da consciência do pesquisador para fora de si mesmo, na busca de fazer acontecer *percepções* sobre aspectos do fenômeno.

*Apercepção* é perpassada pelo movimento da intencionalidade sobre o fenômeno como vivência encarnada. Husserl, criador da fenomenologia, distinguia a percepção dos outros atos intencionais da consciência com base no fato de que ela permite ‘captar’ o objeto. Para perceber, segundo Ponty (1991) é preciso o ser humano sair de si, ir além de si. Sair de si significa um projetar-se intencional na direção do fenômeno a ser percebido. Com efeito, esse exercício é dinâmico por estar constituído pela dinâmica dos processos vital-cognitivos da auto-organização do corpo-criante, ou seja, o processo da sua aprendizagem no mundo, que é percepção para compreensão – o resultado do significado do processo de construção do conhecimento sobre as percepções vividas.

Sabe-se que intenção e percepção no mundo humano, hoje, têm sido produzidas, em variados graus de intensidade, a partir do projeto consumista nas políticas econômicas que induzem e nem sempre permitem a consciência escolher livremente, de modo que a intencionalidade torna-se dirigida por outras consciências. Mesmo assim, a pessoa ainda faz a escolha, a de permanecer controlada por necessidades criadas artificialmente.

Esta situação pode desencadear a intencionalidade desviada, porque o objeto tornou-se inadequado e a pessoa envolvida pode romper com esta visão artificial imposta, ao dirigir sua intenção para ver as coisas como elas são para si mesmo.

Nesse processo, a percepção surge no impulso de uma intencionalidade subjetiva, forjada na dinâmica do corpo-criante, que é poder ser em movimento para captar e significar, a partir de si, o que o fenômeno expressa. A percepção não é um contemplar desinteressado, isento e objetivo, mas é ato de uma consciência imersa no aqui e agora, que toma conhecimento em ações motivadas por interesses vitais e cognitivos. A percepção é uma função psicológica de dimensão profundamente espiritual, “é recurso essencial, que consiste num amplo

movimento das coisas até o espírito, mas também do espírito até as coisas, e por isso os conteúdos percebidos têm sempre um ingrediente subjetivo [...]”. DESAULNIERS, 2000, p. 115).

A percepção humana é movimento autocriativo; caos e ordem dialogam numa relação entre dois mundos interdependentes e constitutivos do corpo-criante: o da interioridade (os processos vital-cognitivos do ser conhecedor, a consciência que percebe) e o da exterioridade (o mundo natural e cultural onde a vida também se mostra na sua complexidade e onde se faz a presença do objeto a ser percebido)<sup>7</sup>. Nessa interação, ocorrem os registros da percepção sobre o caso. Eles se efetivam pelo intuir, imaginar, pensar, para registrar ideias que expressem o significado da vivência nascida das entranhas do corpo-criante na sua subjetividade.

A *compreensão* dos registros da percepção ocorridos na vivência com o fenômeno é uma hermenêutica viva do corpo-criante. Ao dar significado ao fenômeno, o pesquisador vê-se nele, reflete-se nele, e emite um significado, ampliando a sua visão de ser-no-mundo. Compreensão (*Verstehen*) significa abrir-se para o sentido de algo que não é a simples presença do *Dasein*, mas o modo em que é aquele que pode ser com suas possibilidades de fazer projetos que constituam a captação ontológico-existencial do âmbito do poder-ser. (TESCHE, 2000).

Esse conceito traz a mensagem de que o corpo-criante do ser humano, o pesquisador intérprete, é um ser *no* e *do* mundo e carrega consigo os registros de sua história. A sua referência de vida se dá na tomada de sua consciência diante da sua própria condição de ser humano, como uma consciência perceptiva que se compreende como um projeto criativo para infinitas possibilidades de ser, de fazer e de viver no mundo. A compreensão sobre o fenômeno é descoberta sentido de vida para o pesquisador. Ao compreendê-lo, ele se significa; logo, dá sentido ao seu ser e fazer diante dos desafios emergentes da própria complexidade das vivências ocorridas.

<sup>7</sup> O fenômeno dos processos vital-cognitivos remete para a criatividade do corpo-criante como o acontecimento do ato do conhecer, que do ponto de vista biológico, se constitui numa rede psicossomática marcada, quanticamente falando, por situações de caos e ordem frente às interferências do meio. (DITTRICH, 2001).



A argumentação acima aponta que intencionalidade, percepção e compreensão são interdependentes, como estados dos mesmos processos vital-cognitivos do pesquisador na sua consciência, para a construção do conhecimento que implica descrição da vivência apresentada. Logo, a hermenêutica objetiva-se desde estes processos interno-externos. Esses processos acontecem dinamizados pela emoção e razão reflexiva, criativa, entrelaçando-se entre a prática vivenciada no e com o fenômeno e os referenciais que vêm de subsídios teóricos a partir de várias áreas do saber. Nesse processo, por se configurar uma pesquisa teórico-prática, hermenêuticamente, usamos categorias, que são os pontos de referência para a articulação da reflexão. Diante disso, a pesquisa pode alcançar um caráter interdisciplinar ou até transdisciplinar.

Na visão de Maturana (2005), conhecer implica ação daquele que faz, e isto, biologicamente, encontra suas raízes no amor vital, como emoção que dinamiza os processos de reflexão da razão para o conhecimento. Assim, a coerência lógica de uma explicação depende da razão profunda; porém, seu conteúdo, assim como o domínio racional no qual ocorre, depende do emocionar do observador expresso em seu ouvir e em sua preferência por um ou outro critério de validação para a sua explicação.

A visão de Maturana esclarece que, para a explicitação do fenômeno, é preciso mostrar em forma de linguagem coerente, clara e lógica, os significados dos processos de vida e de conhecimento que foram sendo registrados indissociavelmente desde as percepções ocorridas sobre as vivências realizadas no domínio de ações com os sujeitos da pesquisa e os subsídios teóricos.

Não se pretende, nesta metodologia, chegar a uma construção teórica fechada, que traga conclusões. O objetivo é privilegiar a criação de novos conhecimentos teórico-metodológicos, que possibilitem novos olhares, questionamentos e descobertas de soluções para a questão da pesquisa fenomenológica.

## Considerações finais

Assim, podemos dizer que a hermenêutica é um modo muito peculiar para a compreensão dos fenômenos, resultantes de relações em que os sujeitos envolvidos na pesquisa compartilham vivências baseadas em coparticipação, solidariedade e mente aberta aos seus significados.

Neste texto, fundamos nossa proposição na premissa de que o ser humano como um corpo-criante é o *locus* dos acontecimentos da vida, os quais são expressos, após a interpretação da sua objetivação por meio da linguagem, na forma de conhecimento. Neste sentido, é o corpo-criante que pela sua consciência estrutura e sistematiza o conhecimento, para evidenciar a criatividade frente ao seu objeto, pois está intrinsecamente absorvido no alvo de seu olhar, como vivência mutuamente compartilhada, envolvendo emoções e racionalidades.

O fenômeno é compreendido desde que possível nas vivências de *atos de poder ser* e quando surgem possibilidades significativas para a compreensão da interconexão *entre um eu e outro eu*, em suas subjetividades.

Ao experimentar *a vivência com outro*, constitui-se a possibilidade hermenêutica de perceber e interpretar os sujeitos em seu entorno. Estes se referendam a partir de símbolos, em seus significados e reinterpretações, como *intencionalidade*, ou seja, como ato de consciência genuína e sem pré-concepções. Isto será possível como intencionalidade amorosa, fascinante e extraordinária na direção da descoberta de conhecimento sobre o fenômeno. Ao lançar o seu olhar, sem ainda saber o que é o pesquisador volta-se para algo que o toma como um registro biofísico-psico-espiritual, que aparece em forma de um sentimento intencional de pertença ao ainda desconhecido. Nesse processo, irrompe a percepção da possibilidade de uma aventura integrada, que atinge uma correspondência entre os processos internos de seu corpo-criante e o seu cotidiano comum onde aparece o seu objeto de pesquisa.

A *percepção* surge como dinâmica do corpo-criante que pode captar e interpretar o que a situação das vivências expressa no aqui e

agora, atravessando a complexidade dimensional do corpo-criante pesquisador inteiro, onde caos e ordem apresentam-se como um diálogo vivo entre o mundo interior e o mundo exterior.

Assim, a hermenêutica, sobre um fenômeno, é vida vivida porque emerge e se instaura num corpo-criante, que explora passado e presente, imaginando o futuro a partir dessas vivências conscientes, que o torna um ser histórico capaz de sentir a apropriação do seu saber como algo legítimo e correspondente com a realidade.

Sem dúvida, o discurso sistemático e coerente do conhecimento advindo da *compreensão* do fenômeno é originário de uma lógica profunda e dinâmica, em que a consciência do pesquisador se coloca numa postura ética diante da vida. Nesse processo a emergência do respeito e da solidariedade como elementos determinantes para uma pertinente construção do conhecimento é fundamental. Nessa dinâmica investigativa sujeito e objeto (eu – tu), nas suas vivências, compartilham significados, esperanças, compreensão do mundo, com a pretensão de uma ação para construção do melhor possível na situação em que se encontram.

Ao término deste artigo confirma-se que a proposta metodológica de uma hermenêutica fenomenológica para a compreensão de vivências com pessoas, em seu mundo, com suas peculiaridades e relações, pode ser uma significativa referência para o estudo e investigação no campo das Ciências Humanas, das Ciências Sociais, das Ciências da Saúde entre outras.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Editor Mestre Jou, 1962.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. **Fenômeno: uma teia complexa de relações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DITTRICH, Maria Glória. **Natureza e criatividade, espiritualidade e cura**. Blumenau: Nova Letra, 2010.

\_\_\_\_\_. **Natureza e criatividade**: o ensino da arte pictórica. Itajaí: Univali, 2001.

DITTRICH, Maria Glória. O corpo-criante: a chave para uma hermenêutica da obra de arte. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, v. 14, n. 5, 2004.

LEOPARDI, MariaTereza. **Metodologia da pesquisa na saúde**, UFSC/Pós-Graduação em Enfermagem, 2011. Segunda edição, Terceira reimpressão).

FRAGATA, Julio et al. **Perspectivas da fenomenologia de Husserl**. Coimbra: Centro de Estudos Fenomenológicos, 1965.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MATURANA, Humberto R. **La objetividad, un argumento para obligar**. Santiago: JC Sáez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Emociones y lenguaje en educación y política**. Santiago-Chile: JC Sáez Editor, 1997.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. As basesbiológicas do entendimento humano. Campinas: Psy II, 1995.

MATURANA Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amor y juego**: fundamentos olvidados de lo humano, desde el patriarcado a la democracia. Santiago-Chile: JC Sáez Editor, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RICOER, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves, 1988.

TESCHE, Adayir. **Interpretação, rupturas e continuidades**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

VARELA, J. Francisco; THOMSON, Evan; ROSCH; Eleonor. **Mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

TORRE, Saturnino, MAURA, María A. Pujol. **Creatividad e innovación**. Enseñar con otra conciencia. Madrid: Editorial Universitas, 2010.